

NÃO ME PARECE QUE HAJA MUITA GENTE A ler esta revista que não conheça o Tiago Gomes. Autor, performer, poeta, activista, produtor, escritor de canções, homem da noite e do *underground*, rapaz dos contactos e do rock e, sobretudo, editor da revista Bíblia. O que ele escreve sobre o Cesariny, podia bem servir-lhe como retrato: “agoniado ou bem disposto / lacónico animal subterrâneo / roupa suja para lavar em máquina eclética.”

Viola-Me Eléctrica, Brincadeiras Com Cianeto (1998), *Homem Vago Em Cinzento* (1995), *Caixa Negra De Avião Desviado Por Ataque Terrorista* (1993) são os títulos dos livros da sua poesia agora compilados num não menos aliciante título *Auto-ajuda* da Mariposa Azul.

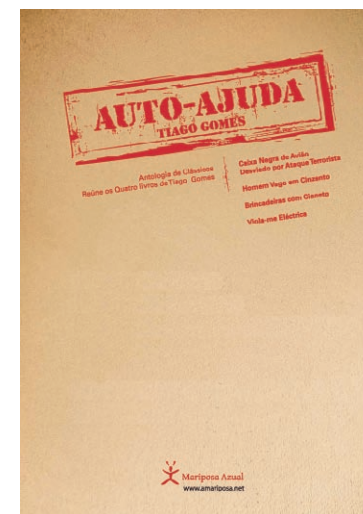
Poemagem / inteligente / tem tema, o poema? / O problema tem solução? / Imagentema. / Remoinho com poeta à chuva / sofreme. / Lê-ma.

Os poemas de Tiago Gomes testemunham uma espécie rara do fazer poético: despretencioso e atento ao que por aqui, no nosso quintal, se passa ou falta, sem perder uma ideia alargada do mundo. Quero dizer com isto que são muito fruto do seu meio, um reflexo com as devidas picardias. Nada devendo aos muito recorrentes barroquismos da nova poesia portuguesa, às palavras caras e obstrução estilística, este poeta encontrou uma voz singular, próxima da perspicácia e paixão adolescentes. Era necessário resgatar estes poemas para dar visibilidade à escrita que se foi construindo, como livro de ‘auto-ajuda’ para todos que possamos andar perdidos na dificuldade em aceitar certos códigos de vida.

O registo coloquial permeia a desordem dessa mesma vida: entre o trocadilho e a ousadia do dizer directo, sem rodeios, permite que a sedução-solidão, as incompreensões, o conflito, a alegria ou o espanto ganhem mais expressão. E depois aquela fórmula-súmula que nos deixa desarmados, de tão simples e eficaz, em composições como esta: “Sabia demais. / Mataram-no. / Sabia tudo. / Suicidou-se.”

É como se Tiago Gomes escrevesse por impulso e com sofreguidão, vislumbrando o que se persegue da noite, o regresso a casa dos bêbados errantes e as juras de mudança sempre reformuladas, através de uma voz confidencial. A exigente lucidez da escrita impele-o a fixar o fulgor do instante – que lhe vem da observação – a dar sentido à mais opaca ou insignificante experiência ou, diríamos, a pôr em relevo o que há de absurdo na aparente “normalidade”. Não deixa de criticar esta observação de poeta, às vezes de grande insolência, que o condiciona a um papel de quem “sofre após o acto”.

Encontramos a geografia afectiva da cidade onde não só habita como nela respira, e da qual consegue arrancar várias das suas camadas de vivência. Da trindade que é uns caos, do bairro alto que é um poema, do Tejo que é um vazio. Lisboa, uma cidade linda, barata, segura, luminosa, cheia de entretenimento, sem dramas. Só a vil tristeza. Conhece-lhe os podres, os esquemas, as personagens, o pessoal: músicos, bêbados, jornalistas, activistas, noiteabundos e lunáticos. O poeta diagnostica a superficialidade – “essa capa fina e invisível” – das pessoas giras, a cultura de plástico, o espectáculo e fetichismo do mercado que nos toldam a animais ino-



AUTO-AJUDA
TIAGO GOMES
ED. MARIPOSA AZUAL, 2009

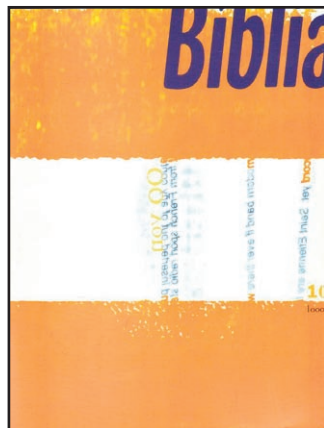
fensivos e desejanter, onde a cidade sem solidariedade, é povoada de sacanas e oportunistas. Atravessa os poemas um sarcasmo pós-moderno que se auto-satiriza, às vezes desanimado, às vezes apaixonado.

Há também um lado militante, combativo e interventivo sempre irónico que não se perde a relativizar tudo, enfurecendo-se contra a injustiça. Critica a luta desigual que opõe homens a máquinas de repressão. Descreve a dura e por vezes aborrecida (frustrante) luta do quotidiano, o ócio disfarçado de ocupação, a anedótica burocracia, o mundo tecnocrata e a modernidade necessária. Apelas aos governos com propostas radicais, como em “O Último Abraço”: *Pensara várias vezes / em ser um kamikaze / com uma bomba no peito / e dar um abraço apertado e cordial / ao primeiro ministro do seu país.*

O retrato da ambiguidade portuguesa, do nacional

porreirismo ignorante, do jogo de cintura que nos dá tanta 'graça' e cria personagens dignos de relato, os ambientes de cigarros, fado, putas, tascas de rissol e tremço são familiares e revertem na sua poesia nos mesmos termos. No país com maior concentração de opinião por m2, também ele contribui para a estatística. Uma poesia com gíria popular e referências a Gogol e Maiakovsky, onde a vida própria se implica e se impõe como medida, não se poupando em juízos de valor.

Os poemas de sobrevivência e auto-ajuda reflectem muito de uma geração resistente mas meio desorientada: herdeira-bisneta dos surrealismos portugueses (*elogiando a conversa desconexa + uma fórmula minimal repetitiva + um sub real encadeante + quezílias imorais sociais do Mário Cesariny*), com a juventude mais radical e comprometida nos anos 90 (*Where were you in 97? Playing hardcore against the system and spraying the city buildings doing demonstrations*), a usar das novas redes sociais e informação à escala global, desconfiada mas receosa das crises financeiras e precariedade dos anos 00, onde se tenta, a custo, não perder o fio à meada. Com a bomba poética como remédio, melhor arma de sempre além do cianeto.



REVISTA BÍBLIA

Em Portugal ainda é possível fazer edição sem departamento de marketing, consultadoria editorial, relações públicas, atelier de design, subsídio do Instituto do Livro, distribuição nacional, publicidade em periódicos, subornar

livreiros, partir as pernas ao adversário, sexo explícito, sem empresa ou associação e até sem leitores (ou poucos). A Bíblia é um caso de resistência no panorama das revistas portuguesas. Ainda consegue ter um aspecto de fanzine apesar de, do alto da sua maturidade, o seu autor/promotor Tiago Gomes lhe chamar revista de Literatura e Artes. Já saíram 30 números de 2 mil exemplares cada desde há 13 anos. É a sua grande acessibilidade que continua a gerar colaborações. Tornou-se um espaço de experimentação nas tendências contemporâneas das artes visuais e da literatura, e a diversidade de áreas artísticas abrange a ilustração, desenho, fotografia, pintura, design, banda desenhada, vídeo prints, prosa, conto e poesia, sem excluir também abordagens à arquitectura, cinema, teatro e música. Cada número é “arquitectado” por um designer diferente e pelas páginas da revista já passaram centenas de colaboradores nacionais e internacionais, desde a revelação de autores novos a outros de renome, sendo esta horizontalidade de conhecidos e desconhecidos e várias gerações outro aspecto interessante.

Destacam-se alguns nomes como: Adília Lopes, Alberto Pimenta, Alexandre Estrela, Alice Geirinhas, Ana Teresa Pereira, Ângelo Ferreira de Sousa, António Oliveira, António Pocinho, Carlos Leite, Carlos Roque, Cláudia Galhós, Fernando Guerreiro, José Luís Peixoto, João Fonte Santa, José Mário Silva, Manuel João Vieira, Mariana Viegas, Miguel Soares, Miguel Vasconcelos, Nuno Milagre, Nuno Moura, Rui Zink, Sarah Adamopoulos, Susana Paiva e Teresa Câmara Pestana.

A revista Bíblia é um pouco o espelho do próprio Tiago Gomes, e faz bem a síntese de uma maneira de estar na vida e na edição, que muitas vezes se confundem. Diz ele: “revejo-me na actualidade dos temas da poesia, e claro, na qualidade literária da escrita. A Poesia experimental, tal como a mail art, poesia visual e outros géneros, tudo cabe na Bíblia”.

A revista circula de uma forma inventiva e personalizada, não só como um produto cultural vendável. Organiza actividades, como leituras, debates, concertos, em parcerias com outros, sendo um ponto de encontro já muito familiar que não se circunscreve a Lisboa, andando pelo país afora. Presente em tudo o que é feiras e festivais, como a BD da Amadora (coordenação de espaço para revistas e fanzines nacionais e estrangeiros), a Feira Mix de Lisboa e Porto, as Feiras do livro, o Mercado Negro, Salão de B.D. do Porto, na ARCO em Madrid.

O Tiago tem sempre um choradinho a fazer, e imensas campanhas de angariação de dinheiro para não deixar cair este projecto de vida: “O problema é não haver apoios do Estado nem das empresas.” mas também encontra o lado divertido e positivo desta independência: “As vantagens são editarmos o que queremos e como queremos.”